

# Especial Pequenas e médias empresas

## Campo Turismo rural é atividade nova e com grande potencial no país

# Fazendas atraem turistas em busca de vida simples

**Eduardo Tiago**

Para o Valor, de Sertãozinho (SP)

No campo, o relógio parece ter um ritmo diferente, o ar é mais leve e o sabor da comida remete à infância. É difícil encontrar no Brasil, um país que até 1950 era predominantemente rural, alguém sem raízes no campo ou memória de um doce de fazenda preparado pela avó. Atravessar a porteira significa colher fruta no pé, nadar no rio, ouvir moda de viola ou, simplesmente, render-se às brincadeiras da roça com os filhos.

A experimentação de uma vida simples e distante da realidade urbana é o maior atrativo para o turismo rural — atividade ainda pouco explorada no país. “Somos um grande produtor de alimentos. O potencial para explorar o estilo de vida do campo é enorme”, destaca Carlos Alberto Santos, diretor-técnico do Sebrae.

A entidade acaba de lançar o estudo “Retrato do Turismo Rural no Brasil — com foco nos pequenos negócios”, que traz um perfil das propriedades rurais que, entre outras atividades, oferecem serviços turísticos. Apesar da ligação da nossa economia com o campo, o turismo rural é uma atividade relativamente nova. Surgiu na década de 1980, em Santa Catarina, com inspiração no modelo europeu, cujo diferencial está em criar roteiros turísticos combinados com a produção agrícola.

“Temos bons exemplos de circuitos em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, onde boa parte da renda das propriedades vem do turismo rural. Mas ainda há muito a ser feito para sofisticar e ampliar os roteiros”, afirma o diretor-técnico do Sebrae.

Eva Guidi Pinotti, proprietária da Fazenda Vista Alegre, em Sertãozinho (SP), e presidente da Associação do Turismo Rural de Ribeirão Preto e Região (Aturp), esclarece que sofisticar roteiros e modelos de negócios não significa transformar as propriedades e o campo em algo ‘falso’ ou de ‘luxo’. “Vivenciar a vida do campo, significar tirar leite de uma vaca que pasta. Não de um animal banhado, perfumado e confinado em uma estrutura de concreto”, explica ela. Eva afirma que a vida simples e o contato com a natureza precisam fazer parte da atividade do visitante. “Até porque é preciso valorizar o campo e não tentar transformá-lo em cidade”, afirma.

Eva começou a explorar o turismo rural em 1997, quando a lucratividade com a cana de açúcar caiu abruptamente na região. “Eu dava aulas de educação física em uma escola. Comecei a montar grupos de alunos para passar o dia na fazenda”, revela. Os grupos foram ficando frequentes, as crianças e adolescente começaram a dormir nos alojamentos da Vista Alegre e Eva passou a investir na atividade. Atualmente, a fazenda dispõe de chalés para hospedar casais e famílias e também aluga os quartos da sede. “Temos uma história aqui, em cada móvel, cada madeira, cada árvore. O turista busca essas raízes”, comenta.

Sua ligação com a educação inspirou a produtora rural a criar atividades pedagógicas para grupos escolares e mantê-los na estratégia turística. “Damos aulas de relevo, educação ambiental, astronomia, entre outras ciências naturais”, explica. Aos finais de semana e feriados, ela abre as portas da fazenda pa-

ra quem quer ir almoçar a comida do fogão a lenha e passar o dia. “Nosso porco na lata é um sucesso”, comenta.

O lazer também conta com uma boa estrutura. Além das atividades da roça — como pegar fruta no pé, alimentar bichos e montar cavalos — a Vista Alegre oferece arvorismo, trilha e abriga um museu com acervo de 500 peças. O museu conta a história da família Guidi, da agricultura e da imigração italiana na região. “O meu avô veio da Itália para o Brasil no início do século passado. Temos um acervo rico”, destaca.

### Os pais querem oferecer uma experiência diferente aos filhos. Os mais velhos querem se reconectar com o campo

Ela deixa claro que a Vista Alegre não é um hotel fazenda — aquele modelo que fica um hotel no interior e cria um ambiente rural —, mas uma fazenda hotel. “O conceito é importante. Plantamos cana e milho e criamos gado de leite. Também recebemos hóspedes. Quem vem para cá, vivencia uma fazenda em operação”. O turismo rural responde, atualmente, por 40% da renda da Vista Alegre.

Santos, do Sebrae, destaca que receber hóspedes é uma ótima estratégia para ampliar a renda. “É preciso investir em acomodações, para oferecer conforto e acolhimento ao turista”, afirma. Manter a simplicidade e a simpatia caipira também é essencial para agradar o turista.

Entre os públicos que mais buscam esse tipo de turismo estão as famílias e pessoas na ter-

ceira idade. “Os pais querem oferecer uma experiência diferente aos filhos. Os mais velhos querem se reconectar com o campo”, destaca Santos. Esse perfil de público exige adaptações para ampliar a segurança e melhorar a mobilidade. “Rampas, barras de apoio e cercas de piscina precisam entrar no roteiro de reforma”, exemplifica o diretor do Sebrae. A entidade oferece consultoria para quem pretende entrar no ramo.

Em 32,76% das propriedades consultadas para o estudo do Sebrae, a renda com o turismo supera a conquistada com a produção agropecuária. Entre os potenciais para explorar a atividade turística, está a ligação da gastronomia com a hospedagem. “Visitas a vinhedos e vinícolas são um sucesso em todo o mundo. Pela diversidade da produção de alimentos no Brasil, é possível encontrar nichos diferenciados”, explica.

Eva destaca, no entanto, que montar roteiros rurais ainda é um desafio. “A cadeia de negócios do turismo ainda não absorveu a hospedagem no campo. Temos dificuldades com agentes de turismo para entender e vender as opções”, comenta. O Sebrae identificou no estudo que é preciso fortalecer e valorizar a atividade no país, defende legislação e políticas de incentivo voltadas para o turismo rural. “São negócios essencialmente familiares e com impactos positivos na economia local. Temos de fomentá-los”.

De acordo com o estudo realizado pelo Sebrae, as atividades de turismo rural oferecidas pelas propriedades estão fortemente ligadas às atividades cotidianas da agricultura familiar ou são



Eva Guidi Pinotti, da Fazenda Vista Alegre: “É preciso valorizar o campo”

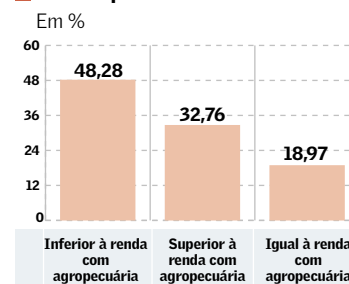
### Terra fértil

Como os proprietários rurais ganham dinheiro

■ Tipo de atividade agropecuária desenvolvida na propriedade

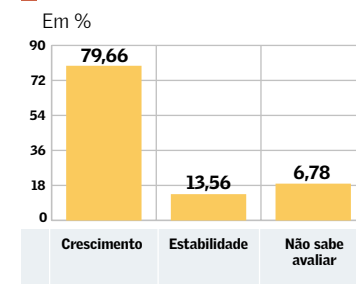
	em %
Hortifrutigranjeiros	74,14
Pecuária	20,69
Vinhedos	13,79
Lavoura	12,07
Agroindústria	5,17
Plantas ornamentais/mudas/reflorestamento	5,17
Pesca	3,45
Curture	1,72

■ Renda apurada com turismo



Fonte: Sebrae

■ Tendência da receita com turismo



seu complemento.

Os visitantes podem visitar as áreas da propriedade e os espaços de produção — com integração total ao pacote de hospedagem — em 61% das propriedades entrevistadas, 51% delas oferecem alimentação, 39% permitem ao turista colher produtos e 38%

oferecem degustação da produção. Passeios em trilhas ou caminhadas são oferecidos em 32% dos estabelecimentos, enquanto 31% das propriedades oferecem hospedagem. Já a experiência em atividades culturais é oferecida por 22% dos empreendimentos que participaram da pesquisa.

# Startups criam sistemas para monitorar o campo

**Carmen Nery**

Para o Valor, do Rio

A força do agronegócio brasileiro está atraindo o interesse de startups inovadoras do Brasil e até do exterior. A Strider lançou um sistema de monitoramento e controle de pragas que combina o uso de mapas, mobilidade, Big Data e computação na nuvem. O software identifica focos de infestação de pragas e permite que o agricultor antecipe a tomada de decisão, que pode resultar em redução de até 15% no uso de defensivos ao garantir a intervenção imediata e evitando a evolução das pragas.

A empresa recebeu um investimento de R\$ 5 milhões da Barn Investimentos, e a solução já está sendo utilizada em 200 mil hectares de fazendas de 30 clientes em culturas de soja, algodão, café, cana e laranja. A meta é cobrir território de 2 milhões de hectares até o

final de 2015, em todo Brasil.

“Uma fazenda de 5 mil hectares gera 10 milhões de eventos de informações georeferenciadas que são coletadas em dispositivos móveis. O sistema reduz os custos com defensivos, uma vez que a identificação geolocalizada de áreas afetadas permite a aplicação no local específico e a identificação do produto a utilizar, além de comprovar sua eficácia”, diz Luiz Tangari, sócio fundador e CEO da Strider.

A Agria é uma startup franco-brasileira, fruto da associação dos brasileiros Paulo de Sá e Rodrigo Almeida Gonçalves com os franceses Pierre Deram e Abder Seridji, esse último trabalhando em Paris. Paulo e Pierre trabalharam por mais de 15 anos nas grandes trades multinacionais de commodities agrícolas. Rodrigo havia criado a Nitrix, especializada em tecnologia de otimização de fluxos em rede, aplicada a setores logísticos.

Entre as soluções da Agria, está a ferramenta de otimização de fluxo por meio de recursos de inteligência artificial. Pierre Deram explica que um produto como a soja apresenta diversas opções de escoamento da produção como a armazenagem, processamento industrial e a exportação. “São muitos pontos de armazenagem e recebimento, e opções de produção que chegam a movimentar 130 milhões de toneladas”, explica Gonçalves. “Boa parte disso ainda é controlada por Excell. O software permite identificar qual o melhor local para enviar a produção e o melhor momento para isso, a fim de reduzir custos logísticos. Como cada decisão é um ponto de receita, a ferramenta também otimiza as margens, com ganho até 10%”.

A Agria negocia uma parceria com uma empresa francesa que fornece drones equipados com sensores e softwares de interpre-

tação das imagens captadas. A ferramenta pode ser utilizada para realizar levantamentos das condições da lavoura, prevenindo eventuais quebras ou estimando produtividade. Também pode ser utilizada para identificar possíveis deficiências de nitrogênio e a incidência de algumas pragas.

A Bov Control desenvolveu uma plataforma que une os conceitos de mobilidade, internet das coisas e hospedagem na nuvem da IBM Softlayer. A solução faz levantamento e cruzamento de informações coletadas por diferentes dispositivos conectados à internet (como balanças e chips implantados sob a pele dos animais), relativas ao dia a dia da fazenda e ao desenvolvimento dos bovinos, com acesso e atualização pelos funcionários por meio de smartphones. Segundo Danilo Leão, fundador da empresa, o produtor pode identificar o peso ideal e o momento para

a venda nas bolsas de mercadorias. A empresa integrou o programa Startup Brasil em 2013 e passou pela Wayra - aceleradora da Telefonica, que leva a solução para América Latina e na Europa.

O Programa Startup Brasil também atraiu ao país duas startups internacionais: a Rogue Rovers - localizada em Aschland, no Oregon, EUA — e a Algrano, instalada em Monthey e em Berna, na Suíça. A Rogue Rovers desenvolveu um quadriciclo inteligente, o FarmDogg. O veículo, que é dotado de câmeras, pode ser conduzido ou operado remotamente. “No Brasil, trabalhamos com a Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-USP). Em 2015, vamos visitar as fazendas para identificar as necessidades”, diz Melissa Burch Brandao, fundadora da empresa.

A Algrano, que tem entre seus fundadores Gilles Brunner, criou uma plataforma para integrar pro-

dutores a torrefadores de cafés especiais nos EUA, Japão, Europa e Austrália. A empresa participou do programa Startup Chile e, em novembro, foi selecionada pelo Startup Brasil, escolhendo a aceleradora Start You Up, do Espírito Santo.

A Pastar nasceu para amenizar danos causados pelo clima na pecuária — principalmente estigagem — por meio de uma plataforma de intermediação de aluguel de pastagens, chegando a salvar cerca de 1200 animais na Bahia. Em 2014, a empresa passou por uma expansão da sua plataforma abrangendo a comercialização de bovinos, caprinos, ovinos e equinos, tornando o produto inicial um marketplace para pecuária. A empresa também lançou um classificado web e mobile — gratuito por enquanto — e o Pastar Certificados, que certifica uma cadeia de fornecedores e garante aos interessados uma rede de consumo segura e online.

# Repaginar restaurantes e café rende prêmio

Do Rio

Com modelos de negócios ainda incipientes, os três finalistas do Prêmio Brasil Criativo na categoria Artesanato — loja Babel das Artes, e os projetos Lugares de Charme e Tenda de Retalhos — estão em busca de parcerias e apoio para alçar novos voos. Criado pela Project Hub, o prêmio recebeu 1.029 inscrições, sendo 102 na categoria artesanato, e mais de 80 mil votos. A vencedora foi a Lugares de Charme, que receberá prêmio em dinheiro, 40 horas de capacitação e uma rodada de negócios para investidores.

O projeto Lugares de Charme tem por objetivo repaginar cafés e restaurantes de pequenas cidades com produtos de artesãos da região. O projeto foi concebido a partir de um trabalho de mestrado em design de Cristina Dantas Ribeiro, há 13 anos atuando com a

marca Especiário, uma loja que começou de forma física, mas hoje só opera na internet. “São muitos os desafios para se trabalhar com artesanato. São peças únicas, feitas à mão, mas que não são valorizadas. Em 2013, decidi voltar a trabalhar com projetos sociais e iniciei o projeto Lugares de Charme, cuja proposta é transformar restaurantes e cafés de cidades de até 6 mil habitantes que tenham algum DNA turístico”, diz Cristina.

O projeto foi iniciado pela cidade de Serra de São Bento, no Rio Grande do Norte, com a repaginação de uma pizzeria, um café, um restaurante e um bar, que não pagaram nada pela decoração. Os lugares estão sendo pintados e as peças — guardanapos, jogos americanos, toalhas e porta-copos — são confeccionadas por um grupo de artesãos reunido por Cristina e revendidas nos locais, que recebem uma comissão de 10%. A ideia é fa-

zer do restaurante uma vitrine com o trabalho dos artesãos. Cristina é remunerada pelo Sebrae por hora de trabalho, que leva, em média, 90 dias em cada município, pois a proposta é de os grupos seguirem com o trabalho sozinhos. “Mas o contrato com o Sebrae não é permanente. Estou em busca de apoio, inclusive do governo do estado”, planeja Cristina.

A Babel das Artes é uma pequena loja no Centro de Artesanato, em João Pessoa, na Paraíba, que quer desenvolver um portal colaborativo para mapear polos e iniciativas empreendedoras. Segundo Francisco Milhoreança, sócio da empresa, a ideia é que o artesão seja algo mais do que um produto para turista, a partir do desenvolvimento e seleção de peças exclusivas que representem a produção do estado e do país. A loja foi criada em 2008, e o blog no ano seguinte para divulgar a cultura e os

artistas. As peças são selecionadas em três eventos: a Feirarte, em Pernambuco; a Mãos de Minas, em Minas Gerais; e o Salão de Artesanato, em Campina Grande e em João Pessoa, na Paraíba.

“O blog tem um link para a loja virtual, mas sua função é divulgar o artesanato. Nossa meta, agora, é transformar o blog num portal colaborativo para mapear o artesanato e a produção cultural do Brasil, e aproximar essas produções de setores como a moda, ligando as duas pontas”, diz Milhoreança. A proposta é identificar polos de produção e atuar em colaboração com associações e cooperativas. “Dependemos da disponibilidade de recursos para construir a plataforma e fazer esse mapeamento. Vamos procurar o Sebrae e ir atrás de parceiros e incentivadores.”

A Tenda de Retalhos nasceu com a proposta de vestir instrumentos musicais com segurança e beleza,



Caroline Caron, da Tenda de Retalhos: primeiro trabalho foi capa para violão

reaproveitando retalhos descartados. O trabalho foi concebido e é executado pela publicitária Caroline Freiburger Caron, de Curitiba. O primeiro trabalho foi uma capa para seu violão. Com ajuda de amigos passou a vender as peças.

Em 2011, criou um site e hoje participa do Etsy, portal global de venda de artesanato. Caroline faz,

em média, cinco peças por mês, todas numeradas para marcar o conceito de peça única produzidas com sobras de retalho que ela ganha de confecções, estoparias e ateliês de costura. Os preços vão de R\$ 180 a R\$ 250, e as peças são feitas uma a uma pela artesã, que conta com o auxílio de uma costureira para o acabamento. (CN)